



NUVENS BAIXAS PENDIAM SOBRE OS EDIFÍCIOS de pedra da escola Harrow, pintando o início da manhã de uma tonalidade cinza opressora. Pela porta da frente, um vento cortante girava ao redor do hall da casa Druries e atravessava o casaco do jovem Sherlock Holmes enquanto ele descia a escadaria, equilibrando o malão pesado na mão. Havia um burburinho animado ao seu redor, de garotos subindo e descendo as escadas, conferindo suas malas e trouxas de roupas, voltando para buscar meias ou cuecas perdidas e combinando os últimos detalhes que antecipavam o feriado de Halloween.

Por sua vez, Sherlock esperava ter um feriado tranquilo. Nos últimos tempos, a sua vida se tornara um emaranhado de casos obscuros e estranhos e, para falar a verdade, a proximidade do Dia das Bruxas sempre lhe deixava com os cabelos em pé. Não que ele alimentasse qualquer tipo de superstição tola acerca de magos, gnomos ou duendes, mas os últimos acontecimentos, envolvendo episódios sinistros e inexplicáveis, todos próximos ao dia trinta e um de outubro, foram suficientes para que ele tomasse como resolução se esconder na mansão Holmes naquela sexta-feira e só deixar o aconchego das lareiras aquecidas na próxima segunda.

E como todos os planos que arquitetara com cuidado para o seu futuro próximo, aquele escorregara por entre seus dedos em questão de segundos. No lugar da tradicional carruagem que a senhora Macklin, a cozinheira e governanta do seu pai, alugava para buscá-lo nos feriados escolares, estava Cashmere, encostada contra um poste de ferro. O xale vibrante que lhe cobria a cabeça e os olhos astutos denunciavam uma figura completamente deslocada daquele cenário rígido e disciplinado. Muitos alunos passavam por ela lançando olhares entre a fascinação e a curiosidade, pontilhados por um ou outro esgar de despeito. A resposta da garota cigana era apenas um cruzar de braços, com um leve sorriso brincando em seus lábios.

Sherlock se aproximou com os passos lentos, de quem já imaginava o que estava por vir.

— Onde está a minha carruagem? — perguntou só por perguntar.

— Dispensei o cocheiro — ela respondeu. — Escrevi um bilhete em nome do mestre da sua casa, dizendo que você precisaria ficar na escola durante os feriados para terminar alguns trabalhos que não foram entregues no prazo.

Sherlock largou a mala no chão com violência, encarando o céu escuro por um momento antes de voltar o olhar penetrante para ela.

— Isso é um absurdo — ele protestou. — Ninguém vai acreditar nisso, Cashmere. Eu nunca me atraso.

Ela deu de ombros, ainda sorrindo.

— Sempre há uma primeira vez.

— Não para mim.

O sorriso de Cashmere vacilou. Os dois permaneceram em silêncio, o vento chicoteando ao redor deles. Por um momento, parecia que estavam de volta à velha mesa de jantar da Sra. Griffiths, em Cottingley, quando eles haviam se conhecido. Na

ocasião, Cashmere já trabalhava para o prof. Anderton, conhecido como o Grande Mago do Norte, um dos principais médiuns do país. Eles acabaram se envolvendo num caso terrível de sequestro, envolvendo duas garotinhas indefesas, uma mala de ouro e um vilão homicida. Sherlock mal escapara com vida e, desde então, ele e Cashmere haviam se tornado amigos.

E era impossível ficar bravo com a garota.

— O que houve? — ele pediu, afinal.

Ela soltou a respiração, abandonou o sorriso e deu um passo à frente, segurando as mãos do garoto.

— Eu preciso da sua ajuda, Sherlock. Desesperadamente.

Ele a observou por um momento, os olhos cinzentos analisando cada detalhe de seu rosto. Era raro vê-la vulnerável, o que indicava que havia algo de muito errado.

— Ajuda com o quê, exatamente? — perguntou cautelosamente.

Cashmere fez um sinal em direção à esquina, onde uma carruagem com um cavalo de pelagem amarelada os esperava. Eles desceram pelas ruas ladrilhadas e varridas pelo vento enquanto a garota falava.

— Se lembra de Barney, do teatro da Drury Lane?

Sherlock assentiu, enquanto passava o malão para a outra mão, descansando o braço direito. Barney era um sujeito baixinho e com cabelos curtos, mas encaracolados. Usava sempre um boné puído e trabalhava como carpinteiro e pintor no teatro do Sr. Hurricane. Sherlock os conhecera quando Cashmere pedira ajuda para capturar o facínora da Drury Lane, um assassino que andava matando os frequentadores do teatro e encenando as suas mortes como uma grande peça. O caso ainda lhe trazia pesadelos quando estava insone.

— O que aconteceu com ele?

— Nada — disse Cashmere, acrescentando rapidamente. — O problema foi com seu irmão, Alistair. Ele foi preso com outro ressurreicionista no cemitério Blackstone ontem à noite.

Sherlock piscou os olhos, tentando dividir aquela frase em suas múltiplas informações. No entanto, lhe faltavam dados e não poderia pular às conclusões sem ter todos os fatos.

Iniciando pelo básico.

— O que é um ressurreicionista?

— Um escavador de túmulos — ela explicou. — Um ladrão de corpos, na verdade.

— Corpos *humanos*? — repetiu Sherlock, espantado.

— Sim.

— Por quê?

— Cadáveres frescos podem valer muito dinheiro para instituições científicas, principalmente escolas de medicina — ela disse. — Há muitas famílias pobres que acabam vendendo seus entes queridos para conseguir alguns cobres.

Sherlock permaneceu em silêncio por alguns momentos, empurrando seu malão enquanto desciam a calçada.

— Isso é horrível — ele finalmente disse.

— Isso é Londres — ela disse, com fervor. — Tudo aqui vale alguma coisa para alguém, se souber onde encontrar o comprador.

Eles alcançaram a carruagem e o cocheiro ajudou Sherlock a colocar o malão na traseira. Depois que se acomodaram, o cavalo começou a trotar, levando-os para longe da escola Harrow.

— E esse Alistair é um ressurreicionista? — perguntou Sherlock, enquanto as rodas da carruagem sacolejavam pelas ruas de pedra no norte de Londres.

— Não — disse Cashmere, acrescentando logo a seguir. — Pelo menos, ele jura que não. Eu acompanhei Barney à delegacia. Alistair,

o irmão, disse que fora contratado por esse outro sujeito, Ian Sinclair, para um trabalho. Ele só descobriu o que era quando chegaram na frente do cemitério. Ele quis desistir, mas Ian o ameaçou com uma arma, e ele foi obrigado a ajudá-lo.

— Você acredita nele? — perguntou Sherlock, desconfiado. Afinal, aquela seria a desculpa perfeita para um malandro se livrar de um crime.

— Sim — disse Cashmere. — Mas ainda há mais e é por isso que preciso de sua ajuda.

Sherlock fez um sinal para que ela continuasse, enquanto notava que o cocheiro tomava a estrada que os levaria até a uma das estações da Midland Railway.

— Um vigia percebeu a movimentação e chamou a polícia. Eles foram presos quando haviam acabado de retirar o caixão. E é aí que começam os problemas.

— O que houve?

— O caixão estava vazio.

Sherlock franziu o cenho.

— Seria possível que o corpo já estivesse decomposto?

— Não, o cadáver era fresco, de dois dias atrás — disse Cashmere. — Cadáveres mais antigos não servem para nada.

Um solavanco fez Cashmere parar a história por um momento. Ela pigarreou antes de continuar.

— Alistair entrou em pânico. Sua família é escocesa, entende?

Sherlock sabia que Barney era escocês, mas não entendia a relação entre as duas coisas e sua expressão transpareceu isso, pois Cashmere acrescentou logo a seguir.

— A Morte na Meia-Noite. Uma lenda bastante difundida na Escócia. Eles acreditam que os mortos podem se levantar das suas tumbas na noite de Halloween, principalmente à meia-noite.

— Mas o Halloween é amanhã — contestou Sherlock.

— Sim, mas Alistair acredita que eles perturbaram um morto que iria se levantar. E que, agora, está amaldiçoado.

Sherlock balançou a cabeça. Maldições e lendas não lhe diziam respeito, mesmo que soubesse como essas crendices afetavam as pessoas.

— O que importa é que Barney e Alistair acreditam piamente nessa história e é por isso que acho que ele não está mentindo sobre o caixão vazio, Sherlock — ela continuou, ao perceber o olhar de Sherlock. — Ele estava morrendo de medo. Na verdade, o sujeito parece estar em frangalhos. Não me espantaria se ele não definhasse na prisão até a morte.

— E o que a polícia acha? — perguntou Sherlock, tentando manter a conversa dentro de um mínimo de sanidade.

— Eles não acreditaram na história do caixão vazio — ela disse, com irritação.

— Não é para menos.

Cashmere olhou para Sherlock com uma expressão furiosa, mas continuou.

— A questão é o tipo de crime — ela disse. — Alistair não tem passagens na polícia. Se provarmos que o caixão realmente estava vazio, ele será julgado apenas por perturbação do espaço público e, provavelmente, receberá uma multa. Pelo pânico que percebi em seus olhos, vai ser mais que o suficiente para que ele aprenda sua lição. Agora, se for julgado pelo desaparecimento de um corpo, poderá pegar vários anos na cadeia e não acho que vá sobreviver à experiência.

Sherlock meditou por um momento sobre aquilo. Não se sentia muito à vontade em ajudar alguém que poderia ter cometido um crime. As alegações de Alistair poderiam muito bem serem apenas

mentiras forjadas, mas Cashmere tinha uma boa intuição sobre as pessoas. Se ela acreditava nele, o mínimo que poderia fazer era lhe dar o benefício da dúvida.

— Para onde estamos indo?

— Delegacia do Victoria Park — ela disse, e havia um considerável tom de alívio em sua voz. — Achei que você provavelmente gostaria de iniciar a investigação por lá.

— Achou certo — ele disse, com um sorriso tímido.

— Juntos, mais uma vez — ela disse, piscando um olho.

— Isso já está se tornando um hábito — ele comentou.

— Nada como uma investigaçãozinha para animar o feriado — ela comentou.

— Desde que não tenhamos que lidar com mortos que se levantam de suas tumbas.

— Não posso garantir nada — ela respondeu, com um sorriso maroto.

